



A. Estado, Poderes e Sociedade
B. Estruturas Produtivas, Trabalho e Profissões
C. Educação e Desenvolvimento
D. Território, Ambiente e Dinâmicas Regionais e Locais

E. Cultura, Comunicação e Transformação dos Saberes
F. Família, Género e Afectos
G. Teorias, Modelos e Metodologias
Sessões Plenárias

UMA COMUNIDADE PISCATÓRIA NA FREGUESIA DE SINES: O Bairro Marítimo *

Paula Correia^{**}

Resumo

Este trabalho é sobre uma comunidade piscatória situada no litoral alentejano: Sines. Esta vila dista a 116Km para sul da sua capital de distrito, a cidade de Setúbal.

Várias análises têm sido efectuadas sobre o Complexo Industrial de Sines, no entanto continua por estudar o impacte cultural do mesmo nos valores da população, a forma como esta integrou e/ou resistiu à mudança, estando entretanto toda uma cultura ligada à tradição piscatória em risco de extinção com o desaparecimento da geração mais velha.

ropusemo-nos, assim, no âmbito de um mestrado em Sociologia, estudar um bairro marítimo, nessa freguesia, constituído por pescadores e ex-pescadores que passaram para a indústria no âmbito da implementação do Complexo Industrial. Pretendemos com este trabalho saber se o tipo de pesca praticado (costeira ou local), a natureza da dedicação à actividade piscatória (exclusividade ou parcialidade com ligação a actividades em terra) ou ainda a posição na hierarquia da actividade (ser mestre ou pescador), contribuem para a heterogeneidade da comunidade piscatória e de que maneira influenciaram a passagem ou não de alguns pescadores para a indústria implantada em Sines nos anos 70.

A população marítima: entre a homogeneidade e a diversidade

A(s) comunidade(s) piscatória(s) não constitui(em) um todo homogéneo, antes comportando uma grande diversidade social interna, presente nos contrastes entre pescadores de pesca *costeira* e *local*, nas diferentes formas de dedicação à actividade — *exclusiva* ou a *tempo parcial* —, bem como a posição ocupada na hierarquia — *mestre* ou *pescador*.

Todas estes contrastes, que alguns estudos vão detectando, conduzem à conclusão de que estes fragmentos do conjunto estão ligados entre si de uma forma tão ténue e precária, que dificilmente

[1]

o conjunto pode constituir uma unidade social coerente e solidária.

A par desses contrastes internos, existe também, em relação ao exterior, uma unidade fundamental nas populações marítimas e no seu estilo de vida que consiste na rede de relações humanas que proporciona. Esta rede constitui a *unidade base* à qual todos sentem pertencer e através da qual se definem. Esse sentimento de pertença ao meio resulta de que: todos partilham um ambiente e uma actividade profissional semelhantes, com os seus perigos e incertezas, um mesmo sistema de valores fundamentais, um idêntico percurso escolar e idênticos códigos de linguagem, uma visão do mundo exterior similar, o que certamente implicará não apenas sentimentos como também práticas de solidariedade entre os pescadores.

Assim, as comunidades piscatórias organizam o seu sistema social numa constante interacção entre *pertenças culturais* e *diversidades sociais*, entre *antagonismos* e *afinidades*. Aliás, uma dimensão seria impensável sem a outra, pois em ambas assenta um dos traços mais característicos das gentes e do viver marítimo.

Diferenciação Profissional e Organização Social na Pesca

Nas actividades marítimas, o *tipo de pesca* que se pratica constitui um elemento básico de

diferenciação entre os pescadores, por afectar directamente os comportamentos, as atitudes e os estilos de vida.

A primeira grande diferenciação que se verifica relativamente às populações marítimas passa pela distribuição dos pescadores litorais por pescas locais e pescas costeiras. A divisão entre pescas locais e pescas costeiras tem implicações ao nível das remunerações (relativamente mais elevadas e sobretudo mais seguras nas pescas costeiras) e, em especial, ao nível da

gratificação estatutária. [2]

O pescador costeiro (de cerco ou do arrasto) é, de facto, desde há muito, considerado como o “verdadeiro” marítimo, sempre dispendo de um prestígio acrescido nas respectivas comunidades e áreas sociais. Em tempos, os pescadores costeiros constituíam mesmo segmentos individualizados no seio das comunidades piscatórias a que pertenciam, desenvolvendo relações exclusivamente entre si e adoptando mesmo uma endogamia de grupo, que procurava contrariar fortemente qualquer ligação familiar a outros grupos marítimos mais próximos da terra.

Já não se verifica, actualmente, um afastamento tão pronunciado entre esses dois grandes grupos. As práticas e os estilos de exclusividade diluíram-se, mas o espírito de demarcação entre pescadores costeiros e pescadores locais continua a subsistir, como também se conserva a imagem de um estatuto mais elevado dos pescadores costeiros.

Uma outra forma de diferenciação assenta nas diferentes estratégias adaptativas: pescadores com *dedicação exclusiva à actividade piscatória* ou pescadores a *tempo parcial com ligação a actividades em terra*.

Os pescadores com actividade piscatória exclusiva são, normalmente, aqueles que se dedicam às pescas costeiras e, são também os que fazem uma diferenciação mais rígida entre os papéis sexuais: trabalho em terra — normalmente da mulher e, trabalho no mar, enquanto desempenho

masculino. [3] Quanto aos pescadores da pesca artesanal, esta modalidade de pesca, é muitas vezes complementada com um trabalho em terra devido aos fracos recursos que proporciona. Nesse sentido, as suas motivações e interesses tenderiam a situar-se mais próximo de núcleos com actividade em terra e, a ter um comportamento mais próximo da ruralidade.

Mestres e Camaradas

Entre mestres e camaradas assenta o fundamental da estratificação das populações marítimas. Esta hierarquia profissional é mais pronunciada na pesca costeira do que na pesca local.

São os mestres que detêm, em geral, a propriedade das embarcações de pesca costeira e local, o que lhes confere um domínio no recrutamento e organização do trabalho e um poder (autoridade e capacidade de intervenção) não apenas económico, mas também social nos aglomerados a que pertencem.

Compete ao mestre a organização e recrutamento da companhia. Os pescadores membros de uma companhia são designados por *companheiros* e tratam-se uns aos outros por *camaradas*. Existe uma grande diferença entre as companhias das lanchas e botes de pesca local e a dos barcos de pesca costeira. As companhias das lanchas e botes de pesca local são normalmente constituídas por *pequenas companhias* de dois ou três membros, geralmente do mesmo grupo familiar, constituído por pai e filho, irmão, sobrinhos ou cunhados, revelando um maior espírito corporativo. Essa

natureza deriva do facto de todos os seus membros pertencerem à mesma linhagem ou afins. [4]

As *companhias mais extensas*, nos barcos de pesca costeira — traineiras, barcos da pesca do alto —, só adquirem significado no contexto da pesca, visto serem constituídas, ao contrário das anteriores, por elementos sem ligação em terra. A permanência de um pescador na mesma empresa de pesca, por um longo período de tempo deve-se fundamentalmente à estabilidade da empresa, ao seu êxito,

aos rendimentos que proporciona, e não tanto a uma questão de lealdade ou de camaradagem. [5]

Embora a situação dos pescadores seja diferente da dos operários, é através de um mercado de trabalho que é feito o recrutamento da companhia. Com efeito, e do ponto de vista das representações, a procura e a oferta não giram em torno de remunerações e horário de trabalho, como na indústria, mas sim, na perspectiva dos camaradas, em torno das oportunidades criadas pela *visão da sorte* e *visão da pesca* e, na perspectiva dos mestres, em torno da *destreza* e do *carácter*.

Neste sentido, não parece existir lugar para o sentido corporativo. Cada pescador compete com os outros pelos lugares mais vantajosos, e os seus membros competem entre si pelos companheiros mais capazes.

As negociações para a contratação dos camaradas nunca se realizam de uma forma franca e contratual. Normalmente, em termos do discurso corrente, os pescadores são unânimes em considerar que todos os camaradas são iguais. Por exemplo, quando algum pescador se relaciona mais com o

mestre é considerado por estes como engraxador. Em privado admite-se, porém, que nem todos os pescadores são iguais: há os mais inteligentes, sóbrios e dignos de confiança. Temos pois que um dos aspectos mais relevantes é, para este grupo, o *carácter*. Nem os mestres nem os camaradas gostam de trabalhar com companheiros conflituosos.

Na relação entre o mestre e o camarada, quando o primeiro está insatisfeito com o trabalho do segundo, não o despede directamente, procura sim ofendê-lo e humilhá-lo em frente da companhia. Porém, o pescador visado não tolera a atitude do mestre, e as questões do *orgulho* e da *honra* obrigam-no a pedir a cédula. [6]

O orgulho do mestre impede-o de eventualmente pedir desculpas ao camarada que deseja abandonar o barco, e dessa forma este parte. No entanto, procurar companhia está abaixo da dignidade de um mestre: deve partir dos companheiros a iniciativa de pedir lugar na companhia. Em muitos casos são as mulheres que falam directamente aos mestres ou a algum familiar ou conhecido destes. Por outro lado, a reputação dos mestres e dos companheiros está sujeita a um processo de avaliação permanente. A reputação dos mestres perante a companhia depende, em muito, do resultado das pescas — resultado atribuído à sorte — e só em menor grau é afectada pelo seu carácter.

[7] Os mestres que conseguem melhores pescas são normalmente considerados superiores. [8] Quanto à reputação dos companheiros, esta assenta em critérios de difícil avaliação. A avaliação do mestre não se baseia em dados concretos, como a quantidade da pescaria, o que a torna de certa forma arbitrária e sujeita a contestação por parte dos camaradas despedidos. Quando o mestre não deseja alguém para camarada, a ausência de vagas é a desculpa que se dá a quem não se deseja

[9] ter como companhia.

No processo de recrutamento torna-se visível uma das características mais relevantes da

personalidade dos homens do mar: o orgulho. [10] Muitas vezes sentem-se ofendidos por razões aparentemente insignificantes, ameaçando deixar de falar, ameaças que não devem ser tomadas à letra. Aliás, a ameaça de corte de relações nunca é cumprida, o que dá a entender que se trata de um jogo em que cada participante se procura evidenciar aos olhos do outro, sem pôr em causa a

[11] relação propriamente dita.

Em termos de organização social das populações marítimas, a companhia parece constituir, a par do [12]

grupo doméstico, uma das unidades socioeconómicas primárias neste tipo de comunidades. As perspectivas de trabalho de um camarada ou de um mestre dependem, em grande parte, da procura. A estrutura do mercado de recrutamento coloca os homens em competição entre si. Devido à natureza do seu empreendimento, a *independência* torna-se mais importante do que a solidariedade. É no mar que melhor se pode observar a ausência de espírito corporativo. Cada camarada leva o seu farnel, do qual não há partilha, nem horários comuns para refeições. Cada qual come quando tem fome ou o trabalho lho permite. Só no regresso da pesca fazem, por vezes, uma refeição em comum, a *caldeirada*.

Metodologia

A técnica utilizada, para estudar a comunidade piscatória siniense, consistiu na entrevista do tipo semiestruturada, numa ficha de caracterização sociográfica e observação da comunidade.

As entrevistas foram realizadas em Sines, entre os meses de Junho e Novembro de 1995.

A amostra é constituída por 18 sujeitos (10 pescadores e 8 ex-pescadores que passaram para a indústria) actualmente reformados.

A média e a mediana de idades situa-se nos 64 anos, sendo os limites inferior e superior 48 e 80 anos respectivamente.

Interessou-nos portanto, a perspectiva da geração masculina mais idosa.

Idade dos entrevistados (anos)	
	Fi
49:	1
50-59:	3
60-69:	8
70-79:	5
80 ou +:	1
Total:	18

Alguns resultados do estudo efectuado

Partimos da hipótese, como atrás referimos, de que existiam diferentes atitudes culturais consoante o tipo de pesca praticado fosse costeira ou local, a dedicação à actividade fosse feita de uma forma exclusiva ou parcial com ligação à terra e, a função desempenhada na pesca fosse a de mestre ou camarada. Discutiremos neste sentido alguns resultados encontrados e, a forma como esses itens parecem influenciar, efectivamente, o percurso profissional dos entrevistados, bem como a sua adesão ao Complexo Industrial nos anos 70.

Pescas Locais e ocupações complementares em terra versus pescas costeiras e dedicação exclusiva à actividade

Propusemos demonstrar a grande diversidade social existente no interior da comunidade piscatória. Essa diversidade, manifesta-se desde logo consoante o tipo de pesca praticado seja local ou costeira. Os pescadores da pesca local artesanal, tendem a criar um grupo coeso e solidário entre si, não se relacionando com os pescadores das pescas costeiras. Confirmando-se, assim, que o tipo de pesca praticado influencia as relações de amizade e camaradagem entre os pescadores, tal como

Moreira havia observado a nível nacional. ^[13]

Os pescadores da pesca artesanal, são também aqueles que mais ocupações complementares desenvolvem. Devido aos fracos recursos proporcionados pela pesca, têm por vezes uma ocupação complementar como operários não especializados nas fábricas de cortiça, de conserva de peixe ou enquanto serventes na construção civil. São por isso, também, aqueles que se encontram mais próximo de valores e aspirações ligadas a actividades em terra. Curioso, o facto destes pescadores atribuírem uma grande importância à posse de barco próprio “para não andar a mando de ninguém”. São eles também os que habitam as áreas menos urbanas. De notar que este bairro piscatório, até inícios dos anos 70, constituía um local periférico e marginal relativamente ao centro da vila. Possuir barco próprio constituía uma aspiração dos pescadores ligados à pesca artesanal com actividades complementares em terra. Uma aspiração correspondente à importância atribuída pelas populações rurais à posse de terra. Ter um bote, ou lancha, significava um maior prestígio dentro do grupo da pesca artesanal e também uma certa independência. Esta aspiração de independência revela-se tanto a nível de actividade como ao nível familiar. Com efeito, estes pescadores quebraram os laços com a família alargada tradicional, ao contrário de grande parte das comunidades piscatórias a Norte de Portugal, como é o caso da Afurada, Vila Chã ou Nazaré, ou a Sul, nas comunidades rurais, onde a propriedade agrega sobretudo as mulheres ao

núcleo materno como tão bem demonstrou Cutileiro. ^[14]

O tipo de família predominante, que aqui vamos encontrar, é a família nuclear. Para tal, muito terá contribuído, a falta de propriedade, de dote ou de qualquer sistema de heranças que tendesse a agregar o novo casal em torno da família da noiva, tal como acontece noutras comunidades piscatórias

e rurais, com características pré-burocráticas, na acepção de Brogger. ^[15] Também a fraca penetração da Igreja Católica no Litoral Alentejano, contribuiria para a libertação dos laços com a família extensa.

^[16] Chegado ao bairro, o novo casal construía a sua barraca num local livremente escolhido entre as dunas.

Esta comunidade piscatória segue também uma tendência generalizada para o casamento endogâmico,

tal como apontaram outros estudos sobre esta temática.^[17] Em Sines esta tendência, leva a que, o par seja recrutado não apenas dentro da comunidade piscatória, como também, de acordo com o tipo de pesca que se pratica. Na nossa amostra, 89% dos inquiridos casaram dentro do grupo profissional: os pescadores da pesca artesanal local casaram, regra geral, com mulheres cujos pais se dedicavam também à pesca artesanal e, os da pesca costeira, sobretudo algarvia, casaram dentro do seu grupo e, também com mulheres algarvias. Apenas 11% (pescadores da pesca artesanal) “casaram fora”, com raparigas do campo (concelho de Santiago do Cacém). Embora este tipo de casamentos, signifique, segundo Moreira, a procura de obtenção de propriedade e alguma estabilidade, estes pescadores, com fracos recursos, não o conseguiram. Com efeito, correspondem a casamentos com mulheres desprovidas de qualquer tipo de dote ou propriedade. Todos eles tinham em comum, nesse sentido, a ausência de recursos económicos, sociais e escolares. Este era assim um recrutamento de pares por afinidade, pelo que, concordamos com Girard ser esta uma das principais formas de manutenção das clivagens sociais, a par evidentemente da falta de escolaridade em meio piscatório.

Estes casais, cujo marido se dedicava à pesca artesanal, tinham em regra poucos filhos em comparação com a geração anterior; uma média de apenas dois por família. Num breve comentário, relativamente a este reduzido número de filhos por casal, gostaríamos de recordar uma pesquisa levada a cabo por Vincent sobre a ascensão social dos filhos dos franceses. Este estudo demonstrou que o número de filhos está fortemente associado às possibilidades de ascensão. Quanto menor o número de filhos, maiores serão essas possibilidades. No caso destes pescadores, tudo nos leva a crer tratar-se de uma estratégia consciente, por um lado devido à fraca motivação pela actividade piscatória, já demonstrada também por Moreira e, por outro, uma estratégia de organização da vida privada, segundo Vincent, no sentido de que a geração dos

filhos pudesse ter melhores condições de vida.^[18]

A idade média de casamento era, para o homem, de 24 anos e a mulher tinha o seu primeiro filho em média aos 22 anos.

Homem - Idade Casamento		Mulher - Idade 1º filho		Nº filhos	
casal	Fi		Fi		Fi
20-22 anos	6	17-19 anos	5	1 filho	5
23-25 anos	7	20-22 anos	6	2 filhos	10
26-29 anos	4	23-25 anos	5	3 filhos	2
30 e + anos	1	26 e + anos	2	4 filhos	1

O papel da mulher nesta comunidade piscatória, está longe de conceitos como os de “matriarcado” ou “matricentralidade”, utilizados para designar o poder simbólico e social da mulher em

comunidades rurais do Noroeste de Portugal.^[19] Neste bairro piscatório, o poder da mulher revela-se sobretudo ao nível expressivo: cuidar da casa, do marido e educação dos filhos. A mulher tem também um papel preponderante no controlo sexual e escolha dos parceiros das filhas. Esta tendência, encontrada também na Nazaré, constituirá, segundo Brogger, um desvio em relação às tradições mediterrânicas, onde a honra do homem encontra particular expressão no controlo

do comportamento sexual das mulheres do agregado.^[20] A mulher exerce ainda, ao nível da comunidade, um papel de controlo social — através da intriga — no sentido de assegurar os

valores tradicionais da família e da comunidade.^[21]

Os lugares de maior prestígio são, no entanto, ocupados pelos homens. O prestígio da própria família é revelado através do poder económico e moral do homem. Estaremos pois, neste sentido, perante um modelo patriarcal, por vezes tenuemente associado a tendências matrifocais, sendo a característica fundamental a do casamento endogâmico.

As mulheres dos pescadores artesanais trabalhavam, frequentemente, na fábrica de conserva ou como salgadeiras de peixe na lota. Com as melhorias socioeconómicas introduzidas a partir dos anos 70, muitas delas deixaram de trabalhar fora e, passaram apenas a dedicar-se a actividades domésticas,

tal como aconteceu por exemplo na Afurada.^[22] Tal como as companheiras dos pescadores, também as mães destes estiveram outrora ligadas a actividades relacionadas com a pesca.

Trabalho da Mãe do Pescador	Fi
Na fábrica de conservas de peixe	7
Salgadeiras de peixe na lota	2
Total em acts. ligadas à pesca	9
Outras actividades	4
Sem profissão	1
N/S	4
Total	18

Nesta comunidade piscatória, o idealizado, após o casamento, é que na divisão sexual do trabalho, a mulher possa funcionar em perfeita complementaridade no sentido de assegurar a sobrevivência e educação dos filhos, como sucede aliás, em muitas comunidades tradicionais.^[23] A mulher tende por isso, a caracterizar-se como um elemento expressivo voltado para o interior da casa e para a família. Esta situação idealizada por todos, só era possível para algumas mulheres de pescadores das pescas costeiras cujos rendimentos eram superiores aos dos outros pescadores da pesca artesanal.

Mestres e camaradas

Para os pescadores da pesca local, não existe uma diferenciação clara de funções entre mestre e camarada, como existe nas pescas costeiras. Moreira teria observado que nesta dicotomia assenta o fundamental da estratificação das populações marítimas. O grupo de pescadores entrevistado que se dedica às pescas costeiras foca essa hierarquia. Ao contrário, o grupo de pescadores que se dedica à pesca artesanal, tende a não estabelecer diferenciação nem a bordo nem nas relações em terra. Tal facto, deriva desta companhia ser constituída, apenas pelo mestre, que é simultaneamente dono do barco e, um camarada, membro da mesma linhagem ou de linhagens afins. Têm por isso, um espírito mais corporativo, não fazendo distinção entre camaradagem no mar e amizades em terra. Mestre e camarada da pesca artesanal, frequentam os mesmos locais de convívio. Ao contrário, os da pesca costeira não frequentam os mesmos locais que os da pesca artesanal, nem mestres acompanham com camaradas “o mestre é mestre e o camarada é camarada”. Os pescadores da pesca artesanal conviviam normalmente em tascas próximas do bairro e, os da pesca costeira encontravam-se em tascas da vila, ocupando estes, espaços mais urbanos e considerados de maior prestígio dentro da própria comunidade piscatória. Também nas actividades a bordo há uma clara dicotomia de acordo com os tipos de pesca. O mestre nas pescas costeiras é a pessoa responsável pelas pescarias, segundo Brogger, os camaradas esperam dele destreza e

carácter participando os mesmos raramente na escolha dos locais de pesca.^[24] Na pesca artesanal, a escolha dos locais é feita pela geração mais velha, que transmite aos mais jovens quais os

melhores fundos rochosos e como fixar as empostas com as marcas de terra.^[25] O camarada, não raras vezes, é um familiar mais novo ou o filho de um amigo/camarada da mesma arte de pesca.

Desta forma o conhecimento dos mais novos era adquirido através da tradição que os mais idosos legavam pelo ensinamento das antigas técnicas de pesca.

Vejamos a este propósito que, 83% dos pais destes pescadores, também eram pescadores, nomeadamente da pesca artesanal, tendo os filhos iniciado as fainas da pesca, normalmente com o pai, em média aos 10 anos.

Profissão do Pai do Pescador	Fi	Idade com que iniciou na pesca	
			Fi
Pescador pesca artesanal	15	7 - 9 anos	7
Acts. em terra (estivador, pedreiro, trab. rural)	3	10 - 11 anos	5
		12 - 13 anos	5
		14 e + anos	1
Total	18	Total	18

Sintetizando, diríamos que, as principais diferenças encontradas, residem no tipo de pesca praticada — costeira ou local — e que as mesmas podem abarcar diferentes tipos de situações, sendo a mais importante, a dedicação à actividade piscatória em exclusivo ou com ligação a actividades em terra. Vejamos, nesse sentido, o seguinte quadro:

Variáveis	Caracterização	Pesca local	Pesca costeira
Tipo de embarcação:		lanchas e botes	traineiras e barcos da pesca do alto
Situação na pesca:		dedicação à pesca a tempo parcial	dedicação exclusiva à actividade
Hierarquia profissional:		não estabelecem dif. mestre/camarada	distinção clara entre mestre/camarada
Sociabilidades:		companha c/ relacionamento em terra	companha só c/ signific. na pesca
Associativismo:		espírito mais corporativo	ausência de espírito corporativo
Habitat:		habitam áreas menos urbanas	habitam áreas mais urbanas
Actividade mulheres:		mulheres c/ acts. salga ou conservas	mulheres frequentemente domésticas
Divisão sexual trabalho:		papeis fem. e masc. mais esbatidos	papeis fem. e masc. bem delimitados

De acordo com as hipóteses levantadas, a principal diferença encontrada entre os pescadores reside no tipo de pesca praticada (local ou costeira). Os pescadores da pesca local tendem a criar um grupo coeso entre si, não se relacionando com os da pesca costeira. Os primeiros são também aqueles que mais desenvolvem ocupações complementares em terra, habitando frequentemente as áreas menos urbanas. Verifica-se ainda que, dentro desta comunidade, os pescadores com maior prestígio são os da pesca costeira, considerados os verdadeiros marítimos cuja dedicação à actividade tende a ser exclusiva.

A diferenciação entre mestre/camarada parece só fazer sentido nas pescas costeiras. Para os pescadores da pesca local não há uma clara distinção ao nível hierárquico; camaradagem no mar e amizades em terra tendem a coincidir, frequentando todos o mesmo local de convívio. Os da pesca costeira, ao contrário, não frequentam os mesmos locais de convívio que os da pesca artesanal, nem mestres acompanham com camaradas. A companha, neste último caso, parece só fazer sentido no contexto da pesca.

A diferenciação entre pesca costeira e pesca local, revelou-se também ao nível da adesão ao Complexo Industrial. O pescador costeiro exclusivamente marítimo, com toda a sua vida projectada em função do mar, foi aquele que menos aderiu à indústria; A escola também se revelaria sem sentido, neste grupo, onde encontramos mais pescadores que nunca frequentaram a escola. Os pescadores da pesca artesanal, pelo contrário, foram os que mais aderiram ao Complexo Industrial e aqueles que mais gratificante consideraram a escola, embora 50% dos que a frequentaram tivessem desistido. Verificou-se ainda que os pescadores que mais facilmente se integraram na indústria foram os da pesca artesanal e dentro deste grupo os mestres/proprietários de embarcações, sendo os mesmos os elementos mais escolarizados entre os pescadores. Foi dentro deste grupo da pesca artesanal que se efectuou o maior recrutamento de pescadores para as indústrias. Esses trabalhadores conservaram um *habitus de classe* piscatória. Actualmente

reformados das indústrias, continuam a praticar a pesca artesanal à qual chamam agora “pesca desportiva” ou “pesca dos reformados”. Dizem que mais ninguém a pratica e que, quando morrerem, esta arte também desaparecerá. Os outros pescadores que permaneceram na pesca, têm hoje reformas mínimas e continuam por isso a pescar, mas, ao contrário dos anteriores, por necessidade. Criaram-se assim três grupos distintos nesta comunidade piscatória: os que permaneceram na pesca artesanal, os que permaneceram na pesca costeira e os que passaram para a indústria. Estes últimos, apesar da sua proveniência ser sobretudo a pesca artesanal não se relacionam com os pescadores que aí permaneceram. Alguns estabeleceram amizades em terra com pescadores costeiros, outrora os mais prestigiados sendo hoje, os reformados da indústria que ocupam esse lugar.

Referências Bibliográficas

- ARIÈS, Phillippe; DUBY, Georges, (Orgs.), *História da Vida Privada*, Lisboa, Ed. Afrontamento, vol.5, 1991.
- ARIÈS, Phillippe; et., al., *Sexualidades Ocidentais*, Lisboa, Contexto Editora Lda., 1983.
- BOURDIEU, Pierre, *La distinction - critique sociale du jugement*, Paris, Les Éditions de Minuit, 1979.
- BRANDÃO, Raúl, *Os Pescadores*, Estúdios, 1920.
- BROGGER, Jann, *Pescadores e Pés-Calçados*, Nazaré, Livraria Susy, 1ª ed., 1992.
- COLE, Sally, *Mulheres da Praia - o trabalho e a vida numa comunidade pesqueira Portuguesa*, Lisboa, Ed. Dom Quixote, 1994.
- CUTILEIRO, José, *Ricos e Pobres no Alentejo - uma sociedade rural portuguesa*, Sá da Costa, Col. Descobrir Portugal, 1977.
- D'EÇA, Vicente Almeida, *A Pesca*, Imprensa Nacional de Lisboa, 1929.
- ESPÍRITO SANTO, Moisés, *Comunidade Rural ao Norte do Tejo*, Lisboa, IED, 1980.
- KELLERHALS, Jean, TROUTOT, Pierre-Yves; LAZEGA, Emmanuel; (1984), *Microsociologia da Família*, Lisboa, Publicações Europa América, 1989.
- MALPIQUE, Celeste, *A ausência do pai*, Lisboa, ed. Afrontamento, BCH, 1990.
- MOREIRA, Carlos Diogo, *Populações Marítimas em Portugal*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais e Políticas, 1987.
- SHORTER, Edward, *Naissance de la famille moderne - XVIII-XX siècle*, Paris, Editions du Seuil, 1975.
- THOMPSON, Paul, *The voice of the past*, Oxford University Press, Second Edition, 1988.

*
- Texto extraído da dissertação de mestrado em sociologia *Uma comunidade piscatória em Sines: o Bairro Marítimo*.

**
- Mestranda em *Sociologia Aprofundada e Realidade Portuguesa*, Universidade Nova de Lisboa.

[1] MOREIRA, Diogo, *Populações Marítimas em Portugal*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 1987.

[2] MOREIRA, Diogo, Op. cit., p. 300.

[3] A este propósito ver MOREIRA, Diogo, Op. cit., ou BROGGER, Jann, *Pescadores e Pés-Calçados*, Nazaré, Livraria Susy, 1ª ed., 1992.

[4] BROGGER, Jann, Op. cit., p. 161.

[5] Ibid., p. 162.

[6] A cédula é o certificado emitido pela capitania, a qual permite ao pescador o exercício da sua actividade. Quando um homem ingressa numa companhia entrega a cédula ao mestre. Quando volta a pedir a cédula está de facto a despedir-se.

[7] BROGGER, Jann, Op. cit., p. 164.

[8] Ibid., p. 168/169.

[9] Ibid., p. 173.

[10] Ibid., p. 165.

[11] Ibid.

[12] MOREIRA, Diogo, Op. cit., p. 358

[13] Ibid.

[14] Neste sentido ver o estudo de CUTILEIRO, José, *Ricos e Pobres no Alentejo*, Sá da Costa, Col. Descobrir Portugal, 1977, p. 167.

[15]

BROGGER, Jann, Op. cit.

[16]

Como se sabe, a Igreja Católica, incentivou o reforço dos laços conjugais, à custa das relações com este tipo de família — ver a este propósito ARIÈS, Philippe, *Sexualidades Ocidentais*, Lisboa, Contexto, Ed., Lda., 1983, p. 143 ou, BROGGER, Jann, *Pescadores e pés-calçados*, Op. cit, p. 33.

[17]

Moreira, 87; Malpique, 90; Brogger, 92; Cole, 94.

[18]

MOREIRA, Diogo, Op. Cit.

Brogger, 87; Descamps, 1935; Pina Cabral, 1986; M. Espírito Santo, 1980.

[19]

VINCENT, *História da vida privada*, Lisboa, ed. Afrontamento, vol. 5, 1991, p. 276.

[20]

BROGGER, Jann, Op. cit., p. 40.

[21]

MALPIQUE, Celeste, *A ausência do pai*, Op. cit, p. 153; BROGGER, Jann, *Pescadores e pés-calçados*, Op. cit; ESPÍRITO SANTO, Moisés, *Comunidade rural ao norte do Tejo*, Lisboa, IED, 1980, p. 105.

[22]

MALPIQUE, Celeste, *A Ausência de Pai*, Op. cit., p. 137.

[23]

MALPIQUE, Celeste, Op. cit., p. 148; MOREIRA, Diogo, Op. Cit.

[24]

BROGGER, Jann, Op. cit.

[25]

Empostas — Locais fixos escolhidos para pescar durante todo o Inverno. Os pescadores engodavam esses locais com pedaços de lula, polvo, sardinha salgada, etc., a fim de atrair peixe maior.